

Retábulos do Antigo Convento de Jesus em Setúbal

Patrícia Afonso

Mestre em História da Arte Portuguesa pela Universidade do Algarve

Retábulos do Convento de Jesus em Setúbal

O presente artigo surge no âmbito da dissertação de mestrado em História da Arte – especialização em História da Arte Portuguesa – “O Retábulo em Setúbal”¹ e tem como objeto de estudo os retábulos do antigo convento de Jesus.

Dotado de uma larga disponibilidade financeira, o antigo convento de Jesus era dos mais abastados de Setúbal, contando desde os anos da sua fundação com o patrocínio da família régia. As diversas campanhas de obras realizadas ao longo dos séculos tornaram-no num dos mais célebres e luxuosos edifícios de Setúbal. Ao nível da retabulística, o conjunto apresentado merece especial destaque pela diversidade e pelas suas características e especificidades, únicas no panorama artístico de Setúbal.

A Retabulística de Setúbal - Breve Caracterização

Setúbal, cidade portuária da região da Estremadura, começa a viver um período de expansão a partir do século XIV, atingindo grande desenvolvimento entre os séculos XVI e inícios do XVIII. Detentora de um excelente porto marítimo e rica em recursos marinhos, a vitalidade económica da então vila de Setúbal foi conseguida, em grande parte, pelo comércio marítimo, pelas atividades piscatórias e sobretudo pela exploração do sal.

O grande crescimento demográfico e económico que se fez sentir, aliado à forte religiosidade da população, motivou a construção de diversas casas religiosas: quatro igrejas matrizes, dez conventos, dois recolhimentos e cerca de duas dezenas de ermidas.

O retábulo, enquanto elemento arquitetónico e litúrgico, enquanto expressão máxima de fé e de arte, foi largamente utilizado nos templos de Setúbal. As referências mais antigas, relativamente à aplicação destes equipamentos, surgem nas *Visitações Quinhentistas* da Ordem Militar de Santiago de 1510, onde é comprovada a existência de vários exemplares móveis provenientes da Flandres: *o altor-moor da dita jrmida [Misericórdia] he de pedra e caal forrado de tavoado per cyyma e estaa nelle hũu retavollo de Framdes mujto rico e no meyo delle estaa a*

¹ Patrícia Afonso, *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação de Mestrado em História da Arte (especialização em História da Arte Portuguesa) apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, 2009 (texto policopiado).

imagem de Nossa Senhora com ho menjno Jhesuu no collo e Josep e amjos da redor e nas portas delle a imagem de santa Catarina e outras Jmagens do outro cabo todo dourado ao redor e abaixo do dito retavollo hũu menjno Jhesuu de jesso².

Distribuídos pelos templos existentes das quatro freguesias urbanas (Santa Maria, São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e São Sebastião), os cerca de 72 retábulos remanescentes situam-se cronologicamente entre os séculos XVII e XIX, entre os períodos artísticos prenúncios do triunfalismo católico e revivalismos³. Mais de metade dos retábulos inventariados foram executados entre a segunda metade do século XVIII (tardo-barroco / rococó) e inícios do século XX (revivalismos), em consequência do terramoto de 1755.

Setúbal acompanhou sempre, e de forma atualizada, as inovações artísticas que ocorriam no país. Vários são os fatores que contribuíram para esta situação: a localização geográfica, próxima da cidade de Lisboa (centro artístico do país, de onde provinham todas as novidades), com bons acessos terrestres e sobretudo marítimos o que proporcionava não só a circulação de serviços como também de práticas e ideias; a construção de muitas casas religiosas, bem como a fixação de uma grande quantidade de Ordens religiosas, contribuíram largamente para a promoção e difusão da arte; o patrocínio régio de algumas obras que poderá ter influenciado a contratação de equipamentos que adotassem os novos conceitos; e finalmente, o poder económico que a população desta vila detinha, em prol das atividades pesqueiras e salineiras, motivando o patrocínio de importantes obras.

No respeitante ao patrocínio dos retábulos, verificamos a intervenção de diversas entidades, assim como: o Rei ou membros da Casa Real, a Ordem Militar de Santiago, as Ordens religiosas⁴, famílias aristocratas, Confrarias, Irmandades e grupos profissionais. Entre as Confrarias socioprofissionais, é de destacar dois retábulos custeados pelos armadores e mareantes. Um, dedicado a Santo André, localizado numa capela lateral do lado da Epístola da igreja de Santa Maria da Graça (atual Sé), construído por volta de 1614. O outro, dedicado a Nossa Senhora da Boa Viagem, foi construído no primeiro quartel do século XVIII, após 1714, altura em que foi construída a capela no antigo palácio dos Cabedos pela Confraria do Corpo Santo.

² *Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal - Ordem de São Tiago* -, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 125.

³ Periodização proposta por Francisco Lameira, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005.

⁴ Em Setúbal existiram as Ordens de São Francisco (convento de São Francisco, de Jesus e missionário de Brancanes), São Domingos (conventos de São João e São Sebastião), Carmelitas Calçados (convento de Nossa Senhora do Carmo), Carmelitas Descalços (convento de Santa Teresa), Companhia de Jesus (colégio de São Francisco Xavier), Trinos (convento da Santíssima Trindade) e Agostinhos Descalços (convento de Nossa Senhora da Boa Hora).

Relativamente à produção artística, verificamos duas situações: a existência de oficinas ou tendas de entalhadores locais que satisfaziam não só as necessidades locais como também das regiões limítrofes, e a contratação de obras a entalhadores de Lisboa, o que não é de estranhar tendo em conta a proximidade entre as duas localidades.

Quanto ao primeiro caso, a pouca documentação existente, aliada à destruição das obras, impossibilita a comparação com exemplares subsistentes e assim fazer eventuais atribuições.

Em 1681, Francisco Landim, morador em Setúbal, executa seis caixilhos para a capela da Ordem Terceira de São Francisco⁵, sita na igreja do convento de São Francisco. Em 1684, este mesmo artista, executa o retábulo da capela-mor da primitiva igreja matriz de São Sebastião⁶. Em 1715, João da Fonseca, oficial carpinteiro, é contratado para refazer uma obra de entalhe para a capela de São Jorge da igreja matriz de São Julião, pelo preço de duzentos e quinze mil réis⁷.

Há ainda referências de ter existido nesta localidade uma oficina de António da Fonseca, entalhador lisboeta, radicado em Setúbal em 1742. Desconhece-se, no entanto, trabalhos seus em Setúbal.

A única obra subsistente, documentalmente comprovada, é do entalhador local Diogo Luís que em 1719 é contratado para executar o arco triunfal e a talha das paredes laterais da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Saúde⁸. O bom entalhe desta obra leva-nos a deduzir que, e de uma forma geral, os entalhadores locais eram astutos e atualizados no que concerne às normas vigentes.

Quanto ao segundo caso, constatámos que as entidades mais abastadas recorriam a mestres de Lisboa. Apesar de tudo, e tendo Setúbal mão de obra profissional, era uma vila subsidiária da grande cidade de Lisboa e por isso era comum recorrerem diversas vezes à mestria de conceituados artistas dessa localidade, nas mais diversas manifestações artísticas como pintura, azulejo, escultura, mobiliário, e também obras de arquitetura. A exemplificar esta situação destacamos, para o período do barroco pleno, os trabalhos dos entalhadores José Antunes⁹ e José Rodrigues Ramalho¹⁰. Do período barroco final, destaca-se o

⁵ Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 52 do Tabelião Pedro Rodrigues, cota 5039, 1681 – 1684, fls. 28 v.º e 29.

⁶ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 55, caixa 5040. fls 73 e 74.

⁷ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 106, caixa 5047. fls 161 e 162.

⁸ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal, livro 119, caixa 5049. fls 74 Vº e 75.

⁹ José Antunes executou o retábulo da capela-mor da igreja do antigo convento de São João, conforme consta a escritura de contrato realizado em 1683. Trata-se de uma obra inexistente, tendo sido destruída pelo terramoto de 1755. Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 55 do Tabelião António de Azevedo Cerejeira, cota 5040, 1682 – 1685, fls. 38 v.º a 40.

¹⁰ José Rodrigues Ramalho, considerado um dos grandes artistas do “estilo nacional”, executou em Setúbal várias obras. A primeira terá sido o retábulo da igreja do hospital da Anunciada, em 1691, atualmente inexistente. Entre 1697-1700, realizou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de Santa

entalhador José da Costa que executou para a igreja do antigo convento de Jesus o retábulo da capela-mor, conforme consta no contrato notarial celebrado em 1721¹¹. Para o período tardo-barroco, temos as obras executadas pelos entalhadores José Antunes¹² e Domingos Ribeiro da Silva¹³.

No que diz respeito aos materiais utilizados e à semelhança do que ocorre a nível nacional, privilegiou-se o uso da madeira. De uma forma geral, verifica-se uma maior aplicação de madeiras importadas, requeridas pela clientela com melhores recursos financeiros. Como exemplos apresentamos as madeiras da Flandres como o bordo, de larga utilização, e o pinho, que embora seja pouco referenciado presume-se que também tenha sido bastante usado. E apenas num caso verifica-se a utilização de madeiras exóticas como é o caso da madeira de angelim, possivelmente do Brasil.

A madeira nacional como o castanho foi também, com toda a certeza, usada em diversas obras, sendo no entanto desconhecidos exemplares e documentos que o comprovem.

A pedra, de escassa utilização, surge principalmente em embasamentos como no retábulo-mor da igreja matriz de Santa Maria da Graça (atual igreja da Sé), de mármore com embutidos policromos. No entanto, e existindo nas proximidades locais de exploração e extração de pedra jaspé¹⁴, seria de esperar uma maior

Maria da Graça pelo preço de dois contos e trezentos mil réis. Em 1715, ficou ajustado com a Confraria de Nossa Senhora da Conceição da Porta de Évora de executar o retábulo da ermida de Nossa Senhora da Porta de Évora¹⁰. Esta obra, também inexistente, foi destruída pelo terramoto de 1755 e posteriormente substituída por um exemplar revivalista. Em 1716, executou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Julião, também inexistente. Outras obras terão sido realizadas nesta vila por este conceituado mestre entalhador, sendo provavelmente o autor dos retábulos da capela – mor e arco triunfal retabular da ermida do Senhor do Bonfim, executados nos finais do século XVII.

¹¹ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Francisco Ribeiro Pereira, livro 122, caixa 5050. fls 123 -125 f.

¹² José Antunes executou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Julião, entre 1782-1783. José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 73.

¹³ A 4 de março de 1785, a Irmandade das Almas da igreja matriz de São Julião ajusta com o mestre entalhador Domingos Ribeiro da Silva a execução do retábulo das Almas para a capela colateral do lado da Epístola, pela quantia de seiscentos e cinquenta mil réis. José Custódio Vieira da Silva, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 73.

¹⁴ Material largamente utilizado em diversas obras públicas, edifícios civis e religiosos desta vila. Fontes antigas referem-se a este material da seguinte forma: *Na villa de Setuual ha hũa pedra de varias cores couuem a saber branco, vermelho, encarnado, toda feita de remendos como seixinhos, que parece que se pegaram cõ a mão e que nascerão asi, a qual a gente vulgarmite e erradamente chama, laspe, por aquella diuersidade de cores. Desta pedra staá edificada toda aquella grande villa, assi casas como templo, muros e torres por nam hauer outra pedra assi na villa e termo seu como nas montanhas, vizinhas da serra da Arabida, a que os antigos chamaram Promontorio Barbario. Pelo que todos edificios he necessário serem della: os quaes muros e torres se como sam de pedra tosca, foram laurados polidamite e de cantaria fora a mais fermosa do múdo.* Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1610, flh. 45.

utilização deste material, conhecendo-se apenas a sua aplicação no retábulo da sala do capítulo do antigo convento de Jesus.

É digno de registo, pelo seu carácter excepcional, o retábulo das Almas, localizado no cemitério da Santa Casa da Misericórdia, onde apenas foi utilizado o azulejo policromo¹⁵.

As técnicas utilizadas eram diversificadas e abrangiam as diferentes fases de execução de um retábulo: o *risco* ou *traça*, o entalhe e os acabamentos. Quanto a esta última etapa, destaca-se o douramento¹⁶, largamente utilizado entre a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII, e os fingimentos de pedraria na segunda metade do século XVIII e século XIX. Destacam-se ainda, por serem casos isolados, a pintura de ornatos vegetalistas (retábulo de Santo André da Igreja da Sé), e a pintura fingida sobre azulejo, no já mencionado retábulo das Almas.

Do conjunto de retábulos recenseados, verificou-se, em relação aos usos e funções, a predominância de retábulos devocionais a um só tema, seguindo-se por ordem decrescente os devocionais a três temas, os eucarísticos e os relicários. Estes últimos, referentes a quatro exemplares, confirmam o poder económico dos mareantes, com o retábulo principal da Casa do Corpo Santo, e da Ordem de São Francisco do antigo convento de Jesus, onde chegaram a existir três exemplares.

Finalmente, ao nível das tipologias, prevalecem os retábulos de um corpo e três tramos, seguindo-se a de um corpo e um tramo e retábulos com arco. Menos frequentes são as tipologias de dois corpos e três tramos, três corpos e cinco tramos e os arcos triunfais retabulares. Apenas existem dois exemplares que não se inserem em nenhuma das tipologias vigentes e ambos situam-se no coro alto do antigo convento de Jesus.

¹⁵ Francisco Lameira, *Retábulos das Misericórdias Portuguesas*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 4, Faro, 2005, p. 152 e 153.

¹⁶ Relativamente ao douramento, destacam-se os seguintes artistas e respetivas obras: João Pereira, morador na cidade de Lisboa, dourou o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Sebastião, conforme consta o contrato celebrado em 1696 com Irmandade do Santíssimo Sacramento; António de Aguilar Osório, morador na vila de Setúbal, celebra contrato em 1716 com a Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de São Julião para douramento do retábulo da capela-mor; José Gonçalves é contratado pela Irmandade do Santíssimo Sacramento em 1731 para dourar toda a talha da igreja matriz de Nossa da Anunciada; José Dias, morador na vila de Setúbal, executa o douramento do retábulo da capela-mor da ermida de Nossa Senhora do Socorro, de acordo com o contrato celebrado com a Irmandade de Nossa Senhora do Socorro em 1744; José Dias Pimentel, morador na vila de Setúbal, é responsável pelo douramento do retábulo da capela de Nossa Senhora da Boa Viagem da Casa do Corpo Santo, conforme contrato celebrado em 1753 com a Irmandade do Corpo Santo.

Retábulos do Antigo Convento de Jesus

Fundado em 1490, o convento feminino da Ordem de Santa Clara ergue-se em local extramuros, no “Sapal de Troino” atualmente correspondente à Praça Miguel Bombarda, freguesia de São Julião.

D. Justa Rodrigues Pereira, ama de D. Manuel, fundou esta casa com a ajuda e proteção do rei D. João II que, em 1491, compromete-se a financiar a obra, ordenando inclusivamente a sua ampliação sob a responsabilidade do mestre Boitaca. D. Manuel I dá continuidade às obras. No entanto, os patrocínios régios não ficaram por aqui e ao longo dos séculos, este convento recebeu generosas ofertas que tanto podiam ser peças de ourivesaria, pintura ou escultura, relíquias¹⁷, como avultadas somas de dinheiro que se destinavam a campanhas de ornamentação e também, quando preciso, a reparações de estragos causados por catástrofes naturais.

Importantes famílias aristocratas contribuíram igualmente para a riqueza e magnificência desta construção, que se tornou numa das mais notáveis da cidade de Setúbal.

A presente abordagem visa analisar os diversos retábulos construídos para este antigo convento, desde meados do século XVI até inícios do século XIX. Incluímos não só os retábulos subsistentes mas também alguns já desaparecidos, dos quais há informações diversas como documentos e fotografias.

De um modo geral, e graças à larga disponibilidade financeira desta Ordem religiosa, o conjunto apresenta riqueza, diversidade e especificidades muito interessantes.

Seguem-se os diversos retábulos, por ordem cronológica: renascimento, prenúncios do triunfalismo católico, barroco final, rococó e revivalismos, de acordo com a periodização atrás referida.

¹⁷ O convento de Jesus chegou a ter mais de 136 relíquias, sendo dos mais abastados de Setúbal. A grande maioria foi oferecida pelos reis D. Fernando e D. Isabel (*um fragmento de espinho da Coroa de Cristo; um cabelo da barba do mesmo Senhor; o pão da ceia; o pano que cingiu no lavatório dos pés; a pedra da coluna onde foi açoitado; a cana que lhe meteram na mão; uma conta de Nossa Senhora; um dente de S. Pantaleão; um hábito de Santo António de Pádua; diversos ossos de muitos santos...*), pela D. Catarina, mulher de D. João III, (*diversos ossos de santos e mártires*), pelo Fidalgo Fernão Martins Mascarenhas (uma parte do Santo Lenho e diferentes ossos de santos e mártires), pelo D. Fernando de Toledo, (o casco ou caveira de uma das Onze Mil Virgens) e pelos padres Estêvão de Castro, da Companhia de Jesus, (uma âmbula com sangue de muitos mártires; uma cruz feita de bordão de São Francisco; um canudinho de prata cheio de sangue de São Pantaleão; diversos ossos de uns trinta santos e mártires e um hábito de São Bernardino) e por Lourenço Rodrigues da Costa (ossos de uns quarenta santos e mártires). Ver Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 149.

Renascimento

Assim que ficaram concluídas as obras da cabeceira, posteriores à primeira década do século XVI¹⁸, a parede do fundo da capela-mor foi preenchida por um retábulo, atualmente inexistente. Esta obra terá sido encomendada nos inícios da década de vinte do século XVI pela rainha D. Leonor de Lencastre (1458-1525), sendo visível o seu próprio emblema (o camaroeiro) num dos painéis “Aparição do Anjo a Santa Clara, Santa Inês e Santa Coleta”. Tratando-se de uma encomenda régia e pela afinidade de estilo, é muito provável que tenha sido executado pelo pintor régio Jorge Afonso¹⁹, com oficina aberta em Lisboa. Desconhece-se o autor responsável pela obra de entalhe.

Exemplar de funções narrativas ou didáticas, adotava uma tipologia frequente: três corpos e cinco tramos.

Este antigo retábulo de madeira apresentava, muito provavelmente, uma planta plana e compunha-se de embasamento, três corpos separados por entablamentos contínuos, cinco tramos delimitados por pilastras e ático. Tendo em conta a reconstituição sugerida por Fernando António Batista Pereira²⁰, o retábulo apresentava-se da seguinte forma: o primeiro corpo, com um sacrário ou uma imagem de vulto perfeito na parte central, seria composto pela série de pinturas de “Santos Franciscanos”. O segundo corpo ostentava a série de pinturas da “Infância de Jesus” ou das “Alegrias da Virgem”, estando ao centro a imagem da “Assunção”, de maiores dimensões. O terceiro corpo apresentava a série da “Paixão de Cristo”, com o tema “Calvário”, de maiores dimensões, ao centro.

Relativamente aos ornatos, e tendo em conta o período em que foi executado, predominava muito provavelmente o vocabulário grotesco.

Por volta de 1721 foi desmantelado e substituído por um novo retábulo. As catorze pinturas que o compunham fazem atualmente parte do acervo do Museu Municipal de Setúbal.

Prenúncios do Triunfalismo Católico

Inserem-se neste período artístico dois retábulos, cuja execução remonta à segunda metade do século XVI.

Localizam-se na parede traseira do coro alto, junto à porta de entrada, um no lado do Evangelho e o outro no lado da Epístola. Estes exemplares, que originalmente seriam muito semelhantes entre si, não se enquadram neste local. Provavelmente serão provenientes de outro edifício religioso ou então de outro compartimento deste convento. As intervenções de que foram alvo no século XIX parecem sugerir uma adaptação ao espaço.

¹⁸ Pedro Dias, *A arquitetura Manuelina*, Porto, 1988, p. 109 e 184.

¹⁹ Fernando António Batista Pereira, “Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal”, in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1989, p. 85.

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 85-90.

São exemplares devocionais a um só tema que se inserem na tipologia mais frequente: a de retábulos com *arco*. Como especificidade salienta-se o facto do intradorso do *arco* ostentar várias pinturas emolduradas e ícones, alguns dos quais relativos ao orago.

De madeira entalhada, dourada e pintada, apresentam planta plana e compõem-se de embasamento, corpo único e um só tramo.

O embasamento, alvo de uma remodelação posterior, é composto pela mesa de altar. O corpo, ocupado por uma pintura, é delimitado por um arco cujo intradorso tem várias pinturas e ícones no remate.

Estão em mau estado de conservação, sendo de realçar o facto de terem sido bastante descaracterizados pelas intervenções de que foram alvo no século XIX. Originalmente seriam exemplares com características e especificidades muito interessantes.

Barroco Final

A 13 de julho de 1721 as religiosas franciscanas da Ordem de Santa Clara encomendam um retábulo para a capela-mor ao mestre entalhador José da Costa, com oficina aberta em Lisboa, pela quantia de 1.100\$000 réis²¹ (Figura 1). Este retábulo, que substitui o anterior do período renascentista, deveria adotar um vocabulário escultórico e decorativo atualizado com *casa da tribuna e trono, tudo de entalhado na forma do risco que lhe haviam dado*²². Trata-se de um exemplar com múltiplas funções (eucarístico, devocional e relicário) que adota uma tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos. É de madeira de bordo entalhada e dourada e assenta num embasamento de madeira a fingir pedraria. Tem planta em perspectiva côncava e compõe-se de banco, um corpo, três tramos e ático. O banco tem quatro mísulas com meninos hercúleos que suportam colunas de fuste espiralado, ornamentadas com meninos e flores diversas. Apresenta ainda dois pequenos nichos, preenchidos com imagens de vulto perfeito, e um nicho na parte central que se prolonga pelo corpo. O tramo central é ocupado por uma tribuna que interrompe o entablamento, sendo preenchida por um trono piramidal, destinado à exposição do Santíssimo Sacramento. Nos intercolúneos há diversos nichos, destinados à exposição de relíquias. O ático tem uma composição tripartida. Ao centro apresenta-se uma cartela com o escudo real, ladeada por diversos meninos. Nas partes laterais há anjos esvoaçantes, assentes em enrolamentos vegetalistas, que seguram um sol e uma lua.

²¹ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Francisco Ribeiro Pereira, livro 122, caixa 5050. fls 123 -125 f.

²²Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Francisco Ribeiro Pereira, livro 122, caixa 5050. fls 123 -125 f.

Foi dourado em 1731²³, por mestre dourador de identidade desconhecida.

Em agosto de 1936, é retirado pela antiga Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e colocado na igreja do Reformatório de São Fiel²⁴ (freguesia de Louriçal do Campo - Concelho de Castelo Branco) onde ainda hoje se encontra²⁵.

Ainda em 1721, a 15 de julho, no âmbito da campanha de ornamentação da capela-mor, as religiosas deste convento ajustam com o mestre pedreiro Luís dos Santos²⁶, morador da cidade de Lisboa, a obra de pedraria da capela-mor pelo preço de 700\$000 réis. De acordo com a escritura, teria que *fazer de pedraria embutida de várias cores na capela-mor do dito convento [...] o pavimento da dita capela-mor com cinco painéis de pedraria de lioz fina bem branca, guarnecidos com faixa em roda de pedraria da Arrábida que se acha na mesma capela, reformada de novo, e assim mais um degrau na entrada do Arco da dita capela de pedraria de lioz fina e um portal de pedraria vermelha [...] de nove palmos e meio de alto e quatro palmos de vão que consta o dito portal de três pedras e assim mais a fazer o presbitério da dita capela com seis painéis brancos de pedraria de lioz fina embutida de brutescos e cimalha [...] do dito presbitério de pedraria vermelha e assim mais os degraus que sobem para o altar de pedraria bem vermelha e fina com suas rosas de embutido brancas e pretas e o estrado do altar na mesma forma e o pavimento em cima do dito presbitério será com sua faixa vermelha em roda e o campo de dentro com lajedo branco que se acha na dita capela, sendo todo lavrado e brunido (...)*²⁷ Toda esta obra, foi destruída na década de 30 do século XX.

Relativamente ao mestre entalhador José da Costa, com oficina aberta em Lisboa e residente na rua do Norte (freguesia de Santos-o-Velho), são poucos os trabalhos que se conhecem da sua autoria. Para além da execução da já mencionada obra, apenas são conhecidos dois trabalhos cuja subsistência desconhecemos. A 20 de janeiro de 1709 é feito o ajuste do contrato notarial com Francisco Ferreira Barbosa, Cavaleiro professo da Ordem de Santiago, para a execução do retábulo da capela-mor da enfermaria dos religiosos Capuchos do Rio de Janeiro²⁸. E a 17 de janeiro de 1718 é contratado pelas religiosas dominicanas do

²³ João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 48.

²⁴ José Pessoa, *Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1989, p. 27. www.monumentos.pt IPA n.º PT031512030001. Ver o documento n.º 01732253.

²⁵ www.monumentos.pt IPA n.º PT020502120093. Ver as fotografias com os n.º 0575845, 0575846, 0575847, 0575848.

²⁶ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Pedro Rodrigues de Faria, livro 124, caixa 5050. fls 49-51.

²⁷ Arquivo Distrital de Setúbal, Notariado de Setúbal – Notas do tabelião Pedro Rodrigues de Faria, livro 124, caixa 5050. fls 49-51.

²⁸ Ayres de CARVALHO, *Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos, exarado nas notas dos Tabeliães de Lisboa*, p. 37.

mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso de Évora para a execução do cadeiral do coro²⁹.

Pertenciam também a este período artístico os dois retábulos colaterais desta igreja, de composição idêntica³⁰. Terão sido encomendados pelas religiosas deste convento na década de 20 do século XVIII. Desconhece-se a identidade do mestre entalhador, no entanto é bastante provável que tenha sido executado por um mestre com oficina aberta em Lisboa, à semelhança de muitas outras obras executadas neste convento.

Ocupando a parede testeira das naves laterais, eram retábulos devocionais a três temas e inseriam-se numa tipologia muito frequente: a de corpo único e três tramos.

De madeira entalhada e dourada, tinham planta em perspectiva convexa e apresentavam a seguinte composição: embasamento, corpo único, três tramos e ático. No banco existia um par de mísulas com meninos hercúleos que suportavam pilares compósitos e um par de pedestais que suportavam um par de pilastras. O tramo central tinha um nicho ocupado por uma imagem de vulto perfeito do orago e nos tramos laterais sobressaiam mísulas destinadas à exposição de imagens de vulto perfeito, rematadas por dosséis. Sobre o entablamento contínuo desenvolvia-se um ático com diversos ornatos.

À semelhança do que aconteceu com o retábulo da capela-mor, também estes foram retirados pela DGEMN nos finais da década de 30 do século XX. Segundo José Pessoa, poderão ter sido colocados na igreja matriz do Torrão, de modo a substituir o retábulo que aqui se encontrava e que fora cedido para a *Nau Portugal* – exposição do Mundo Colonial Português de 1940. Ainda sobre estes retábulos, há a informação de terem sido solicitados pelo bispo de Beja, em 1938, a fim de integrarem no Seminário³¹.

Rococó

Deste período artístico apresentamos seis retábulos, todos eles localizados no coro alto, espaço conventual muito importante na vida religiosa desta comunidade. Ao nível da complementaridade das artes, várias são as modalidades utilizadas: azulejaria seiscentista, pinturas sobre tela e diversos trabalhos em talha dourada e estuque.

²⁹ Ayres de CARVALHO, *Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos, exarado nas notas dos Tabeliães de Lisboa* p. 54.

³⁰ www.monumentos.pt IPA n.º PT031512030001; Foto n.º0522107.

³¹ Sílvia Ferreira, *A Talha Barroca de Lisboa (1670 - 1720). Os Artistas e as Obras*, Tese de Doutoramento em História (especialidade Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009 (texto policopiado), p. 255.

Na parede testeira do coro alto, junto à grade, encontram-se dois retábulos, um no lado do Evangelho e outro do lado da Epístola (Figura 2). Foram encomendados pela Soror Luísa Isabel de Santa Rosa e executados entre 1760 e 1764, segundo a estrutura do anterior retábulo, mandado executar em 1603 pela Abadessa Eufrásia de Santa Catarina, e que fora destruído pelo terramoto de 1755³². Desconhece-se o autor do *risco* e entalhe.

Exemplares que assumem funções de retábulos relicários e adotam uma tipologia pouco frequente: de três corpos e cinco tramos.

São de madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria e têm uma composição idêntica. Ambos apresentam planta plana e compõem-se de embasamento, três corpos, cinco tramos e ático. Contudo há algumas diferenças.

Relativamente ao retábulo do lado do Evangelho, no embasamento encontra-se a mesa do altar. Ao centro há um nicho que ocupa os três corpos e que se destinava à exposição de uma imagem de vulto perfeito. Os tramos laterais, de cada corpo, são preenchidos por nichos ladeados por pilares estípite que se destinavam à exposição de imagens e relíquias. O entablamento restringe-se às ordens arquitetónicas. O ático é composto por diversos enrolamentos vegetalistas, destacando-se ao centro uma cartela.

Quanto ao retábulo do lado da Epístola, refere-se como especificidade a solução apresentada para o tramo central. O embasamento tem um cenotáfio que se destinava à exposição do Senhor Morto. O primeiro corpo tem cinco nichos, ladeados por pilares estípite, que se destinavam à exposição de relicários. No segundo e terceiro corpos há um nicho no tramo central que se destinava à exposição de uma imagem de vulto perfeito, ladeada por quatro pequenos nichos envidraçados onde se guardavam relicários. Os tramos laterais são preenchidos por quatro nichos, em cada corpo, ladeados por pilares estípite. O entablamento é contínuo. O ático é composto por diversos enrolamentos vegetalistas e uma cartela na parte central.

O Retábulo de Nossa Senhora da Purificação localiza-se numa capela lateral do lado do Evangelho. Foi encomendado pelas religiosas deste convento a um mestre entalhador lisboeta de identidade desconhecida. Segundo nos atesta uma inscrição do próprio retábulo, data de 1749, sendo até agora a referência mais antiga para este período artístico em Setúbal.

Exemplar devocional a vários temas, que se insere numa tipologia muito frequente: a de retábulos com *arco*.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, o retábulo propriamente dito apresenta planta em perspectiva côncava e compõe-se de um corpo, três tramos e ático. Ao centro do corpo existe um nicho que interrompe o

³² João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal – convento de Jesus*, vol. III, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1972, p. 60-61.

entablamento, onde se encontrava a imagem de vulto perfeito do orago, assente numa mísula e encimada por um dossel. Nos tramos laterais existem duas mísulas, onde assentavam imagens. O ático é delimitado por uma arquivolta plena, cujo centro é ocupado por um dossel.

O *arco* é composto por um par de pedestais, um par de pilastras e um ático que se prolonga pelo frontispício, cujo centro tem um nicho onde se encontrava uma pequena imagem de vulto perfeito.

De referir os diversos trabalhos de estuque que ladeiam o retábulo e painéis azulejares seiscentistas que revestem as paredes laterais.

O retábulo de Nossa Senhora da Conceição localiza-se no lado da Epístola. Foi encomendado nos finais do século XVIII pelas religiosas deste convento, desconhecendo-se a identidade do profissional que o executou.

Exemplar devocional a um único tema, inserindo-se numa tipologia muito frequente: a de retábulos com *arco*.

De madeira entalhada e dourada, o retábulo propriamente dito apresenta planta plana e compõe-se de embasamento, corpo único e um só tramo. Tanto o embasamento como o corpo encontram-se bastante descaracterizados pelo facto de terem sofrido uma intervenção no século XIX. O embasamento é composto por um par de pedestais e uma mesa de altar e o corpo restringe-se a um nicho envidraçado, destinado à exposição de uma imagem de vulto perfeito do orago. O *arco* é composto por dois pilares estípite e um ático de secção quadrada.

Dois retábulos ímpares, de características muito interessantes, localizam-se na parede traseira, um do lado do Evangelho e outro no lado da Epístola (Figura 3). Foram encomendados no terceiro quartel do século XVIII pelas religiosas deste convento. Apesar de se desconhecer a identidade do autor do *risco* e do entalhe, foram muito provavelmente executados por um mestre entalhador de Lisboa.

Exemplares devocionais a três temas, que não se inserem em nenhuma tipologia vigente. O seu carácter impar resulta do facto de não haver uma distinção clara entre o *arco* e o retábulo propriamente dito, ou seja, apresentam-se aglutinados de tal forma que não podem ser vistos como estruturas independentes.

De madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, têm planta em perspectiva convexa e compõem-se de embasamento, corpo único, três tramos e ático. O corpo é envolvido por uma moldura, destacando-se no interior a imagem do orago. Esta, ladeada por dois pilares compósitos, assentava sobre uma mísula e era rematada por um dossel. Os tramos laterais também se destinavam à exposição de imagens de vulto perfeito, assentes em mísulas e encimadas por dosséis. O entablamento é contínuo e o ático estrutura-se num arco trilobado.

A ladear este conjunto está uma espécie de *arco*, composto por um par de pilares compósitos e um arco igualmente trilobado rematado de formas auriculares.

Revivalismos

Do século XIX há um retábulo que se localiza na sala do capítulo, em frente à porta de entrada. Encomendado pelas religiosas deste convento, deverá ter sido executado por um mestre pedreiro de Setúbal, cuja identidade nos é desconhecida.

Trata-se de um exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente: a de retábulos com arco. Como especificidade apresenta-se o facto de ser utilizada a pedra jaspe, tendo em conta que neste período utilizava-se essencialmente a madeira com a utilização da técnica de fingir pedraria.

O retábulo propriamente dito apresenta planta plana e restringe-se a uma mesa de altar, sobre o qual encontra-se um nicho, em tempos ocupado por uma pintura a óleo sobre tela de “Cristo amarrado à coluna, sofrendo as flagelações dos judeus, que estão aos lados”³³. Existia ainda na parte da frente “um caixilho de madeira pintada de azul e dourada, formado de três corpos, fechando e abrindo só do centro”³⁴. O arco é composto por um par de pilastras e uma arquivolta plena, com uma pequena aduela na parte central.

³³ João Carlos de Almeida Carvalho, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*, volume III, p.28.

³⁴ Idem, *Ibidem*, p.28.

Bibliografia

A igreja do Mosteiro de Jesus de Setúbal, Boletim da Direcção-Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º 47, Lisboa, DGEMN, 1947.

ABREU, Laurinda, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de Sociabilidade e Poder*, Setúbal, Santa Casa da Misericórdia, 1990.

ABREU, Laurinda, "Confrarias e Irmandades de Setúbal: redes de sociabilidade e poder" in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, volume I, Porto, Reitoria da Universidade do Porto, 1991, pp. 3 – 15.

ABREU, Laurinda, *Memórias da Alma e do Corpo: A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*, Viseu, Palimage, 1999.

AFONSO, Patrícia, *O Retábulo em Setúbal*, Dissertação de Mestrado em História da Arte (especialização em História da Arte Portuguesa) apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, 2009 (texto policopiado).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, "A Igreja de Jesus de Setúbal", in *Separata da Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. VII, Porto, s.n., 1990.

BARBOSA, Inácio de Vilhena, *Monumentos de Portugal – históricos, artísticos e archeológicos*, Lisboa, Editores Castro Irmão, 1888, p. 497-500.

BAZIN, Germain, "Morphologie du Retable Portugais", in *Belas Artes*, n.º 5, Lisboa, s.n., 1953.

BAZIN, Germain, *Barroco y Rococó*, Barcelona, Ed. Destino, 1992.

BELEM, Fr. Jerónimo de, *Chronica seráfica da santa província dos algarves da regular observância no nosso seráfico padre S. Francisco, em que se trata da sua origem, progresso, e fundações dos seus conventos.....*, II volume, Lisboa, officina Ignácio Rodrigues, 1750-1758.

CARVALHO, João Carlos de Almeida, *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região de Setúbal*, 6 vols., Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1968-1972.

CLARO, Rogério Peres, *Setúbal no século XVIII. As informações paroquiais de 1758*, Setúbal, Tipografia Rápida, 1957.

COUTINHO, Maria João Pereira, FERREIRA, Sílvia, "José Rodrigues Ramalho (c. 1660-1721): Um artista do Barroco Lusófono na Casa Professa de S. Roque" in *Revista Brotéria*, Lisboa, volume 159, 2004.

DIAS, Pedro, *A Igreja de Jesus de Setúbal na Evolução da Arquitectura Manuelina*, Lisboa, Publicações Ciência e Vida, 1987.

Documentos para a História da Arte em Portugal, Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal - Ordem de São Tiago -, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

FERREIRA, Sílvia, *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as Obras*, Tese de Doutoramento em História (especialidade Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009 (texto policopiado).

LAMEIRA, Francisco, "A Arte da Talha", in *Monumentos*, Lisboa, Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, n.º 15, 2001.

- LAMEIRA, Francisco, SERRÃO, Vítor, "O retábulo protobarroco em Portugal (1619-1668)", in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 1, Faro, Universidade do Algarve, 2003.
- LAMEIRA, Francisco, SERRÃO, Vítor, "O retábulo em Portugal: o barroco pleno (1668-1713)", in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 2, Faro, Universidade do Algarve, 2004.
- LAMEIRA, Francisco, SERRÃO, Vítor, "O retábulo em Portugal: o barroco final (1713-1746)", in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 3, Faro, Universidade do Algarve, 2005.
- LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005.
- LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 2, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, 2006.
- LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo no Algarve*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 3, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Região de Turismo do Algarve, 2007.
- LAMEIRA, Francisco, *Retábulos das Misericórdias Portuguesas*, Revista Promontoria Monográfica História da Arte, n.º 4, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, União das Misericórdias Portuguesas, 2009.
- LEÃO, Duarte Nunes de, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1610.
- MATOS, José Sarmiento de, "Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal", in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, p. 83.
- MECO, José, "Contaminações dos materiais e das formas: arcos triunfais retabulares" in *Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. A Arte no mundo Português nos séculos XVI, XVII, XVIII*, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, 2001.
- MINGUET, Philippe, *Estética del Rococó*, Madrid, Cátedra, 1992.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, "Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal", in *Oceanos*, n.º 2, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989.
- PESSOA, José, *Retábulo da Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1989.
- PIMENTEL, Alberto, *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, Lisboa, typografia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877.
- PINTO, Machado, *O Mosteiro de Jesus de Setúbal. Crónicas como desapareceram painéis de azulejo e altares da Igreja de Jesus*, Setúbal, s.n., 1985.
- PORTELA, Manuel Maria, *Notícia dos Monumentos Nacionaes e Edifícios e Logares Notáveis do Concelho de Setúbal*, Lisboa, typographia de Matos Moreira e Cardoso, 1882.
- QUINTAS, Maria Conceição, *Monografia de Setúbal*, Setúbal, Junta de Freguesia de São Julião, 1993.

QUINTAS, Maria Conceição, "Expressões da Vivência Religiosa no Aglomerado Urbano de Setúbal", in *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Volume X, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1998, p. 189-215.

SERRÃO, Vítor, "Uma Obra-Prima do Estilo Nacional: O Retábulo da Igreja de Santa Maria da Graça, de Setúbal (1697-1700)", *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*, Póvoa do Varzim, Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, Vol. XXVI, n.º 2, 1989.

SERRÃO, Vítor, *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*, Volume III, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

SERRÃO, Vítor, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Volume IV, Lisboa, Editorial Presença, 2003.

SILVA, Carlos Tavares da, PEREIRA, Fernando António Baptista, *Convento de Jesus 500 anos Arqueologia e História*, Setúbal, 1989.

SILVA, José Custódio Vieira de, *A Igreja de Jesus de Setúbal*, Setúbal, SALPA, 1987.

SILVA, José Custódio Vieira de, *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990.

SMITH, Robert, *A Talha em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1963.

Anexo I**Contrato notarial celebrado a 13 de julho de 1721, entre as religiosas do convento de Jesus e o entalhador José da Costa, relativo à feitura do retábulo da capela-mor da igreja do dito convento.**

Ajuste da obra de entalhado que fazem a Madre Abadessa e mais religiosas do convento de Jesus desta vila com José da Costa da cidade de Lisboa.

Em nome de Deus, Amém. Saibam quantos esta pública escritura de ajuste da obra de entalhado para a igreja do convento de Jesus desta vila, virem que sendo em ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e vinte e um anos, aos treze dias do mês de julho do dito ano nesta muito notável vila de Setúbal, em o convento de Jesus, donde eu tabelião ao diante nomeado fui, sendo ai presentes de grades adentro a som de campa tangida segundo seu bom e louvável costume a Reverenda Madre Abadessa e mais religiosas discretas do dito convento e de grades afora, sendo também presente José da Costa, entalhador e morador da cidade de Lisboa e ora estando nesta vila, todos pessoas conhecidas das testemunhas que disseram serem os próprios que presentes estavam aqui conteúdos e declarados. E logo ali pela dita Reverenda Madre Abadessa e mais religiosas discretas do dito convento me foi dito em presença das ditas testemunhas que elas estavam contratadas e ajustadas com o dito José da Costa para este haver de lhes fazer um retábulo de madeira de bordo e casa da tribuna e trono, tudo de entalhado na forma do risco que lhe haviam dado da banda melhor e assim mais os pedestais em que há de assentar o retábulo da mesma madeira lisos para depois neles se fingir pedra, tudo por um preço de um conto e cem mil réis e que toda esta obra será ele, dito José da Costa, obrigado a fazer até o São João do ano que embora vier de mil setecentos e vinte e dois anos e a condução de tal obra, os carros dela até se embarcar no barco serão por conta dele, dito José da Costa, o qual não será obrigado a pagar despachos alguns no peso da madeira ou com ou em outra qualquer parte e que a mais despesa que a dita obra fizer do porto de Lisboa para esta vila até dentro da igreja do dito convento será por conta delas, ditas religiosas, e só ele dito José da Costa será obrigado a fazer a dita obra em seu lugar na dita igreja [...] por conta e despesa dele dito José da Costa, o qual logo ao assinar desta recebeu cem moedas de ouro e o que resta da dita quantia lhe pagaram elas ditas religiosas em dois pagamentos a saber: um em o meio do tempo em que ele dito José da Costa se obriga a dar a dita obra feita e o outro no fim dela e que nesta forma estariam ajustadas com o dito José da Costa para haver de lhe fazer a dita obra e outrossim que faltando ele, dito José da Costa, a dar a dita obra feita no tempo acima declarado perderá cinquenta mil réis de pena convencional para elas ditas religiosas e logo pelo dito José da Costa foi dito na presença das ditas testemunhas que ele aceitava o dito ajuste com as condições e obrigações nesta escritura declaradas e se obrigava a fazer a dita obra assim na madeira como no feitio e assentá-la e pôr correntes no dito tempo aqui declarado tudo pelo preço dos ditos cem mil réis por bem de que logo pela dita Reverenda Madre Abadessa foram postos em cima de uma mesa os ditos em moedas de ouro em dinheiro de contado, correntes neste reino e senhorios de Portugal e os deu e entregou a ele dito José da Costa que os contou e recebeu e disse-lhes [...] que neles estavam toda a dita quantia das ditas cem moedas de ouro sem falta nem diminuição alguma e que por esta escritura delas dava plena e geral quitação a ela dita Reverenda Madre Abadessa e mais religiosas do dito convento como também o mais dinheiro que fosse recebendo por conta da dita obra, quer que os recibos que dela der, valham e tenham força como se fossem as escrituras públicas aos quais nunca pôr a dúvida e promete em seu nome e de seus herdeiros ou suas testemunhas de nunca em nenhum tempo que seja, pôr dúvida alguma ao conteúdo nesta escritura em parte ou em todo e querendo fazer não pode ser ouvido em juízo nem fora dele sem primeiro com efeito, depositar na mão dela dita Reverenda Madre Abadessa, tudo quanto tiver recebido e assim mais os ditos cinquenta mil réis de pena convencional tudo em dinheiro de contado que poderá receber sem fiança nem abonação alguma porquanto de agora para então o há por seguro e abonado para tudo poder receber e enquanto não fizer o dito depósito quer e é

contente lhe seja denegada toda a [...] clausula depositária escrevi eu tabelião nesta nota a requerimento das partes que assim me pediram que lha escrevesse em presença das ditas testemunhas, sendo primeiro por mim advertidas de nova lei passada sobre os depósitos, dizendo o dito José da Costa que obrigava a todo o conteúdo nesta escritura todos os seus bens móveis e de raiz havidos e por haver em geral e em especial os que de presente possui com tal condição que esta especialidade não derogue a geral obrigação nem pelo contrário e promete em seu nome e de seus herdeiros de que contra o conteúdo nesta escritura e clausula depositária dela não haver provisão de Sua Majestade nem de quem seu poder tenha e havendo ou sendo-lhe concedida quer e é contente lhe seja havida por nula e [...] e que por ela senão faça obra alguma e que outrossim se desafora do juiz de seu foro, terra, lugar, domicilio donde vive e viver e toma e escolhe por seu juiz competente e privativo para todas as causas desta escritura e suas dependências o Doutor Juiz de Fora desta vila que hoje é e no tal tempo for ou de quem seu cargo tiver e servir perante e qualquer a todo de o cumprimento de direito e justiça e por seus mandados quer ser executado [...] executiva e havendo de ser citado estando ausente desta vila o quer ser na pessoa do distribuidor do juízo geral dela ao qual faz seu bastante e irrevogável Procurador e lhe dá poder para em juízo confessar dívida por sua confissão haver ser condenado e logo por estar presente António de Aguilar Osório, pintor morador nesta vila, pessoa conhecida de mim tabelião que deu fé ser ele o próprio que presente estava aqui, conteúdo e declarado, por ele me foi dito em presença das ditas testemunhas que ele de sua boa e livre vontade sem pressão nem constrangimento de pessoa alguma ficava como com efeito ficou por fiador e principal pagador pelo dito José de Costa para que no caso que este falte e não pague tudo quanto de [...] quer e é contente [...] lugar desse poder tudo hajam e correm pelos bens dele dito fiador para o que disse se obrigava todos os seus bens móveis e de raiz havidos e por haver em geral e em especial os que de presente possui em tal condição que esta especialidade não derogue a geral obrigação nem pelo contrário e que outrossim se [...] e sujeita a todas as clausulas desta [...] e clausula depositária a que ele dito José da Costa se sujeita nesta escritura que todas promete cumprir e guardar como nela se contém e declara e se de cada uma delas fizera aqui expressa e declarada menção e logo eu, tabelião, em presença das testemunhas li esta escritura a estas partes que por de tudo assim serem contentes, assim o outorgaram, afirmaram e retificaram e em fé e testemunho de verdade pediram a mim, tabelião, lhe fizesse esta escritura nesta nota e que dela fossem dados os traslados necessários de um teor de que logo pediram um que aceitaram e eu tabelião como pessoa pública estipulante e aceitante que estipulei e aceitei, em nome de quem tocar ausente e declarou ela dita Reverenda Madre Abadessa que para assistir a esta obra [...] ao Tenente-coronel da Artilharia desta vila e que depois de feita e assentada a dita obra será vista por ele como seu Procurador que para ela o fazem e que para elas ditas religiosas mandarem fazer a dita obra alcançaram licença de seu muito Reverendo Padre mestre Provincial Frei de São Tomás sendo testemunhas presentes João dos Santos Apariso do dito Regimento desta praça e Jerónimo dos Santos, Sargento do dito Regimento e eu, Francisco Ribeiro Pereira, tabelião, que o escrevi.

(aa) Soror Borgiardina Abbadessa - Soror Anastasia Maria do Spirito Santo Vigaria - Soror Theodora de São Jozeph - Soror Leonor dos Seraphins - Soror Maria da Nazareth - Soror Michaela de Jesus Maria - Hjeronimo da Cunha - Antonio de Aguilar Ozorio – João dos Santos Apariço.

Arquivo Distrital de Setúbal, *Cartório Notarial de Setúbal*, L.º 122 do tabelião Francisco Ribeiro Pereira, cota 5050, 1720 – 1721, fls. 123 a 125.



Figura 1 – Retábulo da capela-mor do antigo Convento de Jesus (arquivo da DGEMN)



Figura 2 – Retábulo do coro alto do antigo Convento de Jesus (arquivo da DGEMN)



Figura 3 – Retábulo do coro alto do antigo Convento de Jesus